

As representações sociais hegemônicas do trote estudantil no jornalismo do meio dia na TV Bahia.¹

Anaelson Leandro de SOUSA²
Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ
Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

O objetivo deste texto é analisar as representações sociais hegemônicas (MOSCOVICI, 1988) sobre o trote estudantil em universidades da Bahia. Utilizamos como instrumento metodológico a análise de conteúdo (BARDIN, 2016) sobre as reportagens do telejornal Bahia Meio Dia – BMD. O telejornal é veiculado em canal aberto através de suas afiliadas, para todo território baiano, e também, pode ser acessado pela internet na página do Globo Play em qualquer tempo. Pesquisamos no site a palavra-chave “trote universidade” no período de 2010 a 2020. Identificamos como resultados parciais que os trotes estudantis predominante na veiculação do telejornal estão relacionados a violência.

PALAVRAS-CHAVE: Trote estudantil; Telejornalismo; Representações Sociais; Bahia Meio Dia; Universidade.

O trote estudantil é uma prática que surgiu com a criação das primeiras universidades no século XII, e é considerado um rito de passagem para aqueles que ingressam no ensino superior. Marcitllach e Freire (2013) relatam que era comum nas universidades europeias a prática do “pennalism”, palavra de origem germânica, que consiste na submissão do estudante calouro a estudantes veteranos e professores. Em Portugal, na Universidade de Coimbra, o trote é denominado de “praxe acadêmica” e no século XVIII os estudantes novatos eram recebidos a “caneladas” e ficavam submissos aos veteranos até a chegada de novos estudantes. No Brasil, a tradição estudantil portuguesa foi introduzida nas faculdades de engenharia, medicina e direito nas primeiras décadas do século XIX. O primeiro documento formal sobre o trote no Brasil foi identificado por Souza (2008, p.120) na biografia de Duque de Caxias; trata-se do ofício de 21 de março de 1820, da Academia Real (Escola de Engenharia) endereçado ao

¹ Trabalho apresentado no DT 6 - Interfaces Comunicacionais do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

² Doutorando em Educação na Universidade Estácio de Sá - UNESA; Professor do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, campus III, email: anaelsonleandro@gmail.com.

Ministério da Guerra, relatando o quadro de indisciplina de alunos veteranos. No entanto, o primeiro jornal brasileiro a noticiar a morte de um estudante em decorrência de trote, foi o Diário de Pernambuco, em 1831: o veterano Joaquim Serapião de Carvalho esfaqueou o calouro Cunha Menezes, de 19 anos, filho do Visconde de Rio Vermelho, em uma ladeira da cidade de Olinda, próxima a Faculdade de Direito (DIÁRIO, 1831, p.2-3). Por outro lado, no início do século XX, muitos jornais impressos informavam que autoridades acadêmicas e organizações estudantis estavam abolindo o trote violento e implantando formas mais civilizadas de recepcionar os calouros com almoços, atividades esportivas e campanhas solidárias. A partir da década de 1940, no Rio de Janeiro, a senhora Carlota Osório incentivou os estudantes universitário a praticarem a doação voluntária de sangue como uma atividade de trote (O GLOBO, Matutina, 1996, p.14).

Atualmente, o trote constrangedor ainda é noticiado nos meios de comunicação. Zuin (2002) afirma que este tipo de trote é identificado como um ritual onde a violência é justificada como uma tradição que muitos consideram que deve ser perpetuado nas universidades. Porém, de acordo com Akerman e Conchão (2020) as atividades solidárias vem substituído os trotes violentos, que constrangem e humilham os ingressantes dos cursos de graduação.

Diante desta exposição, indagamos: Qual é o espaço de veiculação do trote abusivo e o solidário no telejornal? Como podemos estudar o trote estudantil como representação social hegemônica? O nosso objetivo é analisar as representações sociais hegemônicas (MOSCOVICI, 1988) do trote estudantil no noticiário Bahia Meio Dia da TV Bahia. Utilizamos o instrumento metodológico da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016), e constituiremos o corpus a partir de reportagens armazenadas na plataforma digital Globo Play, no período de 2011 a 2020.

Neste trabalho utilizaremos o referencial da Teoria das Representações Sociais – TRS e a comunicação na perspectiva das representações hegemônicas (MOSCOVICI, 1988).

As representações sociais são estabelecidas a partir da conversação entre os membros de um determinado grupo social, mas também pelo que é veiculado pelos meios de comunicação. Jodelet (2001) define as representações sociais como: “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e compartilhada que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (2001, p.22).

A TRS foi formulada por Serge Moscovici com a preocupação de compreender como pessoas comuns, comunidades e até instituições produzem saberes sobre si mesmas, sobre outros e sobre a multidão de objetos sociais que lhes são relevantes, ou melhor, é uma teoria sobre os saberes sociais, mais precisamente sobre a construção e “transformação desses saberes em diferentes contextos sociais” (JOVCHELOVITCH, 2008, p.87).

Moscovici saliente que “a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos” (1978, p.26). Moscovici ([1961] 2012) dedicou a segunda parte de sua pesquisa inaugural para mostrar que as representações sociais são formas de comunicação, e identificou também três dimensões comunicativas relacionadas a edificação da conduta: opinião, atitude e estereótipo, sobre os quais correspondem os sistemas de comunicação. Estes sistemas operam como: difusão (relacionada à formação das opiniões); propagação (relacionada à formação das atitudes); e propaganda (refere-se à formação de estereótipos). “Assim, a comunicação social, sob seus aspectos interindividuais, institucionais e midiáticos, aparece como condição de possibilidade e de determinação das representações e dos pensamentos sociais” (JODELET, 2001, p. 30).

Moscovici no final da década de 1980, em resposta aos críticos de sua teoria, atualiza a sua proposta de sistema de comunicação mencionando que os três tipos de representações sociais que circulam em nosso sistema cultural são: representações hegemônicas, representações emancipadas e representações polêmicas (MOSCOVICI, 1988). A primeira está relacionada a comunicação de um público heterogêneo, que pode ainda circular em espaços geográficos mais amplos; a segunda representação permeia os públicos segmentados; e as representações polêmicas ocorrem a partir de temas específicos como o racismo, por exemplo. Podemos considerar que as representações sociais hegemônicas podem ser difundidas pelos meios de comunicação de massa, e que estes fazem circular os saberes do senso comum.

A abordagem metodológica deste trabalho é qualitativa e utilizamos a técnicas de análise de conteúdo (BARDIN, 2016), pois entendemos que ela trata de um conjunto de técnicas de análise de comunicações cujo procedimento sistemático e objetivo de descrição do conteúdo das mensagens. Bardin define *corpus* como o conjunto de documentos que podem ser submetidos aos procedimentos analíticos, “e sua constituição implica, muitas vezes, escolhas, seleções e regras” (2016, p. 97). O

levantamento do *corpus* requer que seja realizado um “recorte de texto” para que seja explicitado as dimensões quantitativas e qualitativas do material. No primeiro caso é preciso explicitar a composição do material, e no segundo, é possível lançar inferências a partir das partes expostas de seu conteúdo. Com isso, viabilizamos a montagem de uma “grade temática”, que é o agrupamento das unidades informativas.

O caminho que percorremos para elaborar a “grade temática” foi possível devido a possibilidade de compactação de arquivos digitais disponibilizados e armazenados no ciberespaço. Para Lévy (1999) o ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores e “especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga” (LÉVY, 1999, p. 17). Esta realidade possibilita que um mesmo produto midiático seja visto em um aparelho de tv, em telefones celulares e computadores, respectivamente, no momento de sua veiculação. Esta forma de consumo é denominada de *cross-media*, que significa a transmissão de um mesmo conteúdo por plataformas diferentes (RENÓ, 2013). É pertinente considerar que estes espaços de interação com conteúdos digitais abrem um caminho promissor para novas abordagens de pesquisas empíricas e estudos sobre representações sociais.

Nesta pesquisa utilizamos a plataforma de conteúdo Globo Play para acessar o conteúdo dos telejornais regionais das emissoras ligadas a TV Globo - televisão comercial aberta brasileira que possui 115 emissoras afiliadas nas 5 regiões brasileiras. A TV Bahia é afiliada da TV Globo e integra a Rede Bahia de Televisão, juntamente com mais 5 emissoras sediadas no interior do estado (Itabuna, Feira de Santana, Vitória da Conquista, Barreiras e Juazeiro). A TV Bahia foi fundada em Salvador/Ba em 1985, e foi a primeira emissora do Norte/Nordeste a iniciar as transmissões digitais (HDTV) em 1 de dezembro de 2008. A digitalização permite que sua programação possa ser acessada de forma *on demand*, ou seja em um momento posterior de sua transmissão ao vivo.

O programa Bahia Meio Dia (BMD) da TV Bahia vai ao ar de segunda a sábado, de 12h a 12h58. De acordo com Jorge Júnior (2019) é um telejornal que busca aproximar os assuntos cotidianos das classes populares “com um evidente clima de informalidade, a partir de uma ideia dominante de gosto popular” (2019, p.14).

O *corpus* de nossa pesquisa foi constituído a partir da ferramenta de busca da plataforma Globo Play, no período de 2011 a 2020. Usamos as palavras-chave “trote

universidade” e trote estudantil”. Inicialmente localizamos 3 reportagens (Tabela 1) produzidas pelas Tvs do interior do estado (Barreiras, Feira de Santana e Vitória da Conquista). O conteúdo, apesar de produzido fora da sede da TV Bahia, foram veiculadas para todo a Bahia.

Tabela 1 – Grade temática

Ano/Programa/Data/Duração/Resumo	Imagem
<p align="center">2013</p>	<p align="center">Repórter, Indhira Almeida; imagens, Edirlei Pereira; foto: Sizino Neto</p>
<p>Bahia Meio Dia, 8 de março, 3 minutos e 21 segundos</p> <p>Trote em duas instituições de ensino da região do estado. Em Itapetinga, no Instituto Federal Baiano, um estudante de quinze anos teve queimaduras de segundo grau no pescoço. Em Vitória da Conquista uma estudante de vinte anos passou mal depois de um trote realizado por alunos do terceiro e quarto semestre de agronomia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.</p>	
<p align="center">2014</p>	<p align="center">Repórter: Madalena Braga; imagens Leonel Alves; foto: rede social</p>
<p>Bahia Meio Dia, 12 de abril, 2 minutos e 25 segundos</p> <p>Pelo menos dez estudantes do curso de Engenharia Civil da Universidade Estadual de Feira de Santana foram hospitalizados depois de participar de um trote. Os estudantes foram induzidos a ingerir muita bebida alcóolica.</p>	
<p align="center">2015</p>	<p align="center">Imagens: Antônio Carlos</p>
<p>Bahia Meio Dia, 9 de março, 28 segundos</p> <p>Estudantes da Universidade Federal do Oeste da Bahia voltaram as aulas com a realização de um trote solidário dentro da semana de integração universitária. Uma programação especial foi preparada para receber calouros e veteranos com apresentações culturais e a doação de sangue para a Fundação Hemoba.</p>	

Elaboração própria

Em nossa grade temática (Tabela 1) identificamos duas reportagens e uma nota coberta sobre o trote estudantil. As reportagens tiveram em média 2 minutos, e a nota seguiu o padrão definido de 30 segundos. Em dez anos encontramos referências a trotes no estado da Bahia somente na primeira metade da década de 2010. Destas, as reportagens evidenciaram o trote constrangedor e a nota, o trote solidário.

O conteúdo dos trotes constrangedores mostra a reação alérgica que sofreu uma caloura do curso de Agronomia da Universidade do Estado da Bahia, em Vitória da Conquista e a internação hospitalar após queimadura no pescoço através de substância tóxica em aluno do curso técnico agropecuário do Instituto Federal de Educação e Tecnologia Baiano, em Itapetinga; a segunda reportagem mostra que dez estudantes passaram mal após serem obrigados a ingerir bebidas alcoólicas na Universidade Estadual de Feira de Santana. O trote para estudantes, com atividades culturais e doação de sangue ocupou apenas 29 segundos do telejornal, e ocorreu na Universidade Federal do Oeste da Bahia.

Constatamos que o trote constrangedor, embora ocorra no Brasil há mais de 200 anos, é visto pelos apresentadores e repórteres de forma crítica: “uma brincadeira de mau gosto”, “a brincadeira acabou mal” e “caso de agressão”. No entanto, o trote solidário ganhou pouco destaque e não foi comentado pelo apresentador. Embora a TV Bahia esteja sediada na capital do estado, com grande número instituições de ensino superior, apenas os fatos ocorridos no interior da Bahia foram noticiados.

A representação do trote constrangedor ganha mais destaque em relação ao trote solidário, e embora não seja objetivo nosso problematizar esta questão, podemos inferir que todo telejornal obedece a critérios de noticiabilidade, e de acordo com o que foi estudado por Galtung e Ruge (1999) os valores-notícias de um acontecimento podem ser, entre outros, quando ele é imprevisível, inesperado e quando faz referência a algo negativo (1999, p.71). Isso, talvez explique uma maior atenção aos trotes constrangedores e uma representação social hegemônica mais elaborada em relação ao trote solidário.

Embora o conteúdo das reportagens e nota não sejam exaustivos, isso não interfere na produção de representações sociais hegemônicas, pois o que é levado em consideração neste conceito é a sua capacidade de difusão da mensagem jornalística. E no caso da divulgação dos trotes no telejornal Bahia Meio Dia (BMD), estes produziram conhecimento de senso comum aos milhões de baianos que foram afetados direto ou

indiretamente na hora do almoço, ou em outro momento. A representação social hegemônica construída é que os trotes são violentos e que estas práticas devem ser evitadas. No entanto, o contraponto do trote constrangedor é o trote solidário, e este não teve um elaboração significativa.

Por fim, acreditamos que, metodologicamente, temos um caminho a ser construído para o aprofundamento das representações sociais hegemônicas do trote estudantil. O processo de difusão delas corresponde a uma etapa inicial que precisa ser levado aos estudos de recepção. Porém, mais importante que identificar estas representações parciais no telejornal é averiguarmos como o conhecimento sobre o trote circula nos grupos sociais, principalmente, entre os estudantes universitário.

Referências

AKERMAN, M; CONCHÃO.S. Cultura do trote universitário: desafios que permanecem. **ABCS Health Sci.** 2020; n.45. doi.org/10.7322/abcshs.45.2020.1451

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Trad. Luis Antero Reto, Augusto Pinheiro . Lisboa, Edições 70, 2016.

GALTUNG, J.;RUGE, M.H. A estrutura do noticiário estrangeiro – A apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias.** 2.ed. Lisboa: Vega, 1999, p.61-73.

JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais.** Trad. Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura.** Petrópolis: Vozes, 2008.

JORGE JÚNIOR, M.G. Telejornalismo e mediação popular: uma análise cultural do novo Bahia Meio Dia. **Anais do XV Enecult – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura.** Salvador 2019. Acesso em 25 mai. 2023 em <http://www.xvenecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111516.pdf>

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: 34, 1999.

MARCITLLACH, A.A; FREIRE, A.G.M. Novatadas: comprender para actuar. Madrid (Espanha): Universidad Pontificia Comillas [Internet]. 2013 [cited 2020 abr 20]. Available from: Available from: <http://nomasnovatadas.org/noticias/wp-content/uploads/2014/09/Novatadas-comprender-para-actuar.pdf>

MOSCOVICI, S. Notes towards a description of social representations. **European Journal of Social Psychology**, 18, 211-250, 1988 (Tradução em português de Gláucia Alves Vieira para fins educacionais).

MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

RENÓ, Denis. Interfaces e linguagens para o documentário transmídia. **Fonseca Journal of Communication**. Monográfico 02, p. 211-233, junho, 2013.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

SOUZA, Adriana Barreto de. **Duque de Caxias - o homem por trás do monumento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

ZUIN, A. Á. S. **O trote na universidade - Passagens de um rito de iniciação**. São Paulo. Cortez. 2002.

Periódicos

DIARIO DE PERNAMBUCO, Recife, n. 71, 2 abr. 1831.

O GLOBO, Rio de Janeiro, Matutina, 4 abr. 1996.